

Era uma quente e seca terça-feira de setembro, dessas que fazem qualquer um torcer para que chegue logo a estação das chuvas. Aliás, era uma quente e seca tarde de terça-feira de setembro, dessas que fazem a pessoa perguntar porque foram colocar a capital do Brasil logo no meio do cerrado.

Daniel olhou para o relógio, encerrou rapidamente o seu expediente, pegou seu carro, saiu preguiçosamente do estacionamento, parou 5 segundos para esperar uma folga no fluxo, teve uma daquelas mudanças súbitas de comportamento e, em vez de seguir para casa por trás do Plano Piloto, dobrou à direita, pegando a W5 Sul. Parou no Templo da Boa Vontade, estacionou o carro, meditou uns 5 minutos, voltou para o carro, rumou para a 712. Parou em frente a uma casa, lembrou de Daniela, menina fogosa e com o corpo na flor da idade, pena que era muito criança para ele. Ameaçou bater à porta para ver se Dani ainda estava lá, desistiu, ligou o carro, costurou por dentro da Asa Sul até a 409, parou em um dos prédios sem pilotis, lá lembrou de Patrícia, Patrícia quase o fez perder a cabeça, de se jogar do alto de algum prédio alto, nos seus seios firmes e sua boca carnuda, por sorte ela acabou saindo de Brasília e nunca mais falou com ele, salvou o casamento dele. Respirou fundo, teve um orgasmo mental, voltou a ir de carro até a 107, uma das quadras pioneiras da cidade, quadra de Marisa, a prova de que mulheres são como o vinho, quanto mais velhas melhor, pena que o marido dela descobriu e o botou para correr, era época de eleição e os inimigos políticos dele estavam quase descobrindo o caso. Pediu perdão a Nossa Senhora de Fátima, voltou a ligar o carro, deixou o carro morrer de puro nervoso, ligou da maneira correta, foi até a 304, parou em frente ao prédio de Diana, uma deusa que fazia qualquer homem delirar talvez pelo simples fato de estar com Diana, pena que foi por pouco tempo, porque ela logo voltou para o seu marido. Lamentou pela decisão de Diana, mais uma vez ligou o carro, serpenteou até o Eixinho, pegou o trânsito de cima da Rodoviária.

No meio do trânsito ligou para casa, falou qualquer coisa com a esposa, como se ordenando alguma coisa. Desligou o celular e abriu um sorriso de canto de boca.

Saiu do trânsito da Rodoviária, cortou para dentro do Setor Comercial Norte, para o prédio onde trabalhava Mariana, Mariana que dizia "não levo trabalho para casa", e que trabalho com as mãos e com os seios ela fazia, muitas vezes com o chefe dela em reunião na sala ao lado, só que agora ela não "trabalhava" mais no trabalho depois que foi pega pelo presidente da empresa. Mais um respiro fundo por não ter sido ele na hora do flagrante, mais uma vez forçou o motor de arranque, fazendo curvas perigosas até a 203. 203, quadra de Paula, uma daquelas morenas grandes, graúdas e gostosas que intimidam qualquer homem, e que o intimidava, especialmente quando gritava "vai, seu fracote, vai mais forte!", transar com Paula era um exercício fortíssimo, pena que a academia fechou depois que Paula o trocou por um lutador de jiu-jitsu. Olhou para sua barriga, olhou como sentia falta de um exercício, mas precisava ir, e a próxima parada era na 208, onde Andréia era consumidora assídua das lojas da "rua da informática" e onde passaram muitos momentos entre peças de computador e peças de roupa, lembrou embaraçado do dia em que involuntariamente sujou uma placa-mãe novinha, e pensou que pena que ela o deu um "pé na bunda" via mensagem instantânea. Achou que era modernidade demais, só que o show não podia parar, então a próxima estação era na 112, onde morava Renata, Renata e sua tara de sexo com muita pizza de calabresa, quanto dinheiro foi gasto em pizza de calabresa, até que Renata morreu num acidente de automóvel. Fez um minuto de silêncio, dois, voltou ao caminho, até a 315, até Carolina, Carol que sempre chamava uma das "primas" que faziam ponto ali para transar com os dois, Carol era um furacão sexual que engolia homens e mulheres, Carol que acabou indo com o marido, deslocado para fora do Brasil. A última respirada fundo e...

...parou o carro. Ligou para o seu porto seguro, a sua doce Fernanda.

- Já está tudo embalado, amor?
- Sim, querido!
- O vinho está na geladeira?
- Claro que está!
- E você, como está vestida?

- Só com duas gotas de Chanel no 5
- Estou chegando. Essa noite vai ser maravilhosa.

Daniel abriu um sorriso de orelha a orelha, entrou na W3, pensou em tudo que havia feito em Brasília. Retorno daqui, conversão dali, chegou no Setor Terminal Norte, chegou no prédio onde eles moravam.

Ele desligou o carro. Ele saiu do carro. Ele fez um giro com a cabeça em volta do céu de Brasília. Pela última vez agradeceu por mais um dia de trabalho em Brasília.

Amanhã eles, Daniel e Fernanda, se mudariam para Florianópolis. Para longe de Brasília. Para longe da vida antiga. Para uma nova vida. Pelo menos, assim, pensava Daniel.